

COSTURAS DO ENTRE: PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE CAMINHAR COMO CARTOGRAFIA SENSÍVEL

KATHLEEN OLIVEIRA DE AVILA¹; ALICE JEAN MONSELL²

¹PPGArtes/UFPEl – kathleenoliveirarts@gmail.com

²PPGArtes/CA/UFPEl – alicemondomestico@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em tempos marcados pela aceleração e pelo esvaziamento da experiência sensível, este trabalho propõe um olhar atento às margens – compreendidas como zonas liminares, de transição e convivência entre o visível e o invisível, entre o cuidado e o abandono. A pesquisa insere-se no campo das Artes, vinculada ao meu projeto de pesquisa do Doutorado e ao projeto Experimentos com Contextos Ambientais Físicos e Virtuais por Meio de Formas de Deslocamento Poético do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas-DesLOCC (CNPq/UFPEl), e articula práticas de caminhar, registro sensível, a criação coletiva como reflexão crítica e uma experiência de interação com o território.

A fundamentação dialoga com o caminhar como prática estética (Careri, 2013), a ecosofia de Félix Guattari (2011), a atenção flutuante proposta por Virgínia Kastrup (2015) e a concepção de território como organismo vivo, defendida por Ailton Krenak (2019). Robert Smithson e Paulo Nazareth são referências artísticas para nossos procedimentos de deslocamento que tensionam fronteiras geográficas, subjetivas e políticas. O objetivo é investigar como as práticas artísticas coletivas podem produzir modos de conhecer situados e operar como gesto de reexistência nas margens urbanas.

2. METODOLOGIA

Esse projeto de pesquisa em artes visuais trabalha com a metodologia de pesquisa em poéticas visuais que parte da produção e do processo artístico para, depois, considerar as questões teóricas mais relevantes e selecionar as referências artísticas adequadas que podem instaurar a reflexão crítica sobre a prática realizada. Inserida no campo transversal das Artes, esta investigação também utiliza a cartografia como prática de acompanhamento de processos (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), concebida não como registro estático, mas como movimento contínuo. O caminhar coletivo (Figura 1) é adotado como gesto poético-político e procedimento de pesquisa, no qual o corpo em deslocamento atua e oferece uma experiência artística de percepção do entorno, bem pode ser considerado como método, quando leva o artista a propor produções subsequentes.

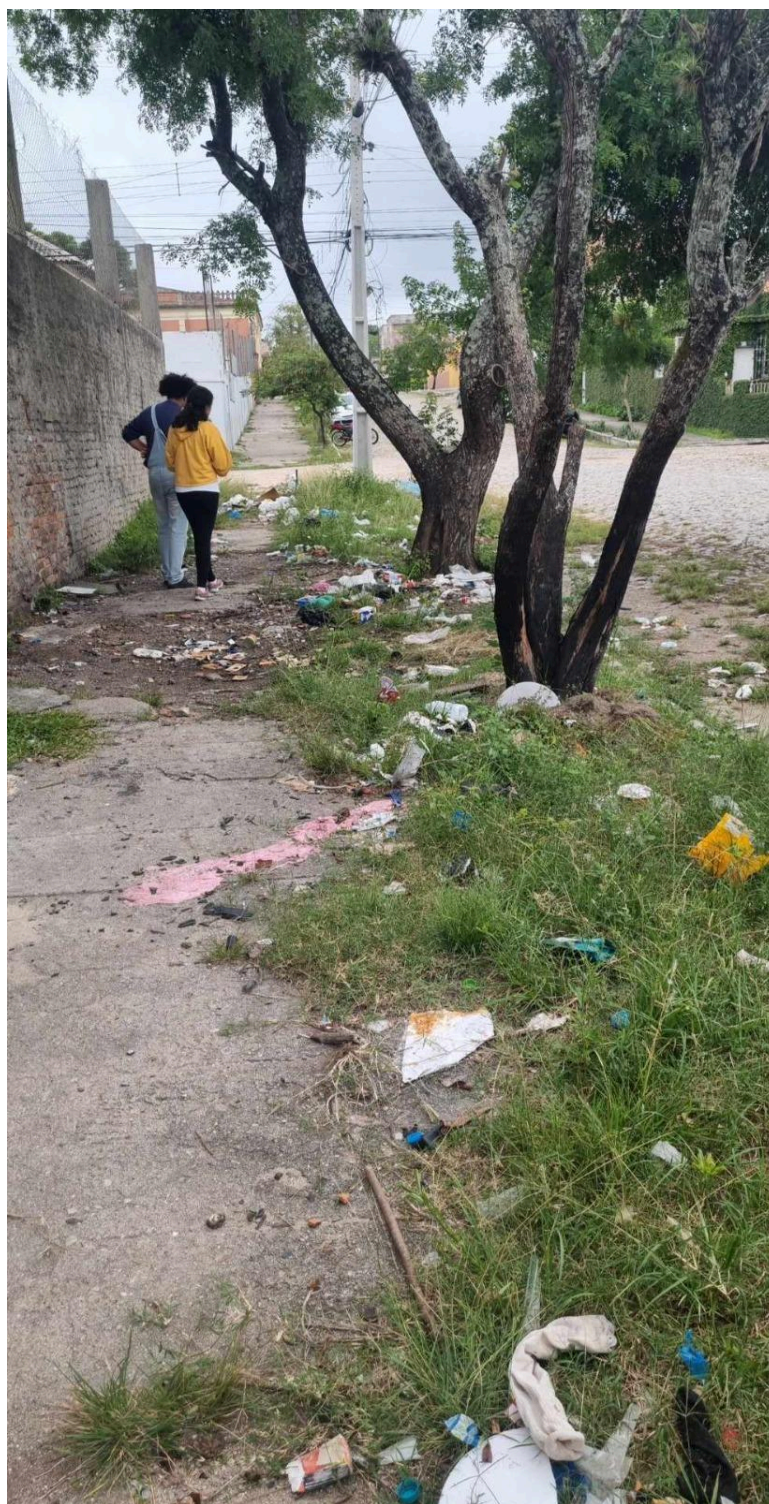


Figura 1 – Registro do grupo durante o percurso, evidenciando o caminhar coletivo como gesto poético-político e prática de pesquisa.

O percurso, realizado entre o bairro do Porto e o Canal do Pântano, em Pelotas (RS), ocorreu sem roteiro pré-definido, orientado pela atenção flutuante e escuta sensível aos fluxos, ausências e presenças do território. Ao longo do trajeto, foram produzidos registros fotográficos, anotações e gravações sonoras, atentos às texturas urbanas e naturais e às interações sociais. A perspectiva ecosófica permitiu articular dimensões ambientais, sociais e subjetivas, e o

processo contou com momentos de partilha entre os participantes, culminando na criação de uma obra coletiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal consequência material da caminhada coletiva foi a instalação *Cartografias do entre*, composta por fotografias impressas em papel vegetal, desenhos em grafite e caneta sobre papiro, e costuras com linha de algodão sobre acetato da autoria coletiva de Kathleen Oliveira, Dheivison Araújo e Alice Monsell. As transparências e sobreposições evocam camadas de tempo e memória, enquanto as costuras expõem fissuras e sugerem reconexões provisórias (Figura 2). A materialidade frágil remete a um tempo desacelerado, próximo ao gesto de quem borda ou caminha com atenção.



Figura 2 – Instalação *Cartografias do entre*, autoria coletiva, composta por fotografias, desenhos e costuras em transparências sobrepostas. 21 cm x 29,7 cm e 29,7 cm x 42 cm. Foto: Hamilton Bittencourt, 2025.

A instalação integrou a exposição *Entre Linhas e Paisagens: ressonâncias do passarinho* (2025), realizada no Espaço de Arte Mello da Costa, reunindo trabalhos dos grupos de pesquisa DesLOCC e Arteecos. As obras tensionam a noção de margem como limite fixo, propondo-a como espaço de relação, instabilidade e reinvenção.

O diálogo com Smithson (1967) e Careri (2013) situa a prática em uma tradição de deslocamentos artísticos voltados a territórios marginais, enquanto Paulo Nazareth nos faz refletir sobre o atravessamento de fronteiras e a construção de narrativas sensíveis. A perspectiva de Krenak (2019) ressoa no

reconhecimento da Terra como organismo vivo, sustentando a dimensão ética do trabalho.

4. CONCLUSÕES

O trabalho evidencia que caminhar, perceber o entorno em movimento, escutar e criar são atos ecosóficos capazes de reatar vínculos entre ser humano, sociedade e ambiente. A prática cartográfica, aliada à atenção flutuante - conceito originalmente formulado por Freud e reelaborado por Kastrup (2015) no contexto da cartografia da pesquisa - não produz mapas fixos, mas cartografias em movimento que revelam gestos de cuidado e resistência frente aos apagamentos históricos.

A obra *Cartografias do entre* e a exposição coletiva afirmam a potência da criação colaborativa como estratégia para desestabilizar a lógica de autoria individual e propor novas formas de presença no mundo. Ao habitar as margens com atenção e interação, a pesquisa contribui para ampliar o campo das práticas artísticas situadas e engajadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**. 4. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SMITHSON, R. A tour of the monuments of Passaic, New Jersey (1967). In: FLAM, J. (ed.). **Robert Smithson: The collected writings**. Berkeley: UCLA Press, 1996.
- RIBEIRO, G. **O fim do fim da arte: a poética itinerante de Paulo Nazareth**. Landa, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 119-130, 2016. Disponível em: <https://revistalanda.ufsc.br>.